

Panorama ECONÔMICO



Prorrogação pedida

A negociação entre o Presidente do Banco Central, Francisco Gros, e o comitê de bancos credores, em Miami, nos Estados Unidos, foi o fato mais importante da semana que passou (Panorama Econômico, 23/3). O Brasil formalizou em telex seu pedido de prorrogação por 60 dias dos créditos comerciais e interbancários, num valor de US\$ 16 bilhões, que vencem no próximo dia 31. O telex do governo brasileiro, endereçado a toda comunidade financeira internacional, promete para breve um programa econômico e relata as medidas de austeridade já adotadas no País. O telex do comitê de bancos credores informa as conversas com Gros, especialmente a promessa de um programa para breve, e confirma a intenção do comitê de manter um relacionamento cooperativo com o Brasil.

Os dois telex mostram que não houve um acordo formal entre Gros e o comitê. Os banqueiros não rompem com o Brasil, mas também não dão apoio formal. Eles reivindicaram o pagamento de parte dos juros, que o Brasil suspendeu em fevereiro e Gros negou. Sem acordo formal, a decisão de renovar as linhas de crédito fica a critério de cada banco (Panorama Econômico, 26/3). Na quarta-feira, o Presidente do comitê de bancos credores, William Rhodes, do Citibank, disse que a aceitação do pedido de prorrogação dependerá do que definiu como "uma ação voluntária" de cada banco.

Ao defender a posição brasileira sobre a dívida externa, Gros foi aplaudido em Miami, na reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Nesse quadro foi importante a passagem do Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, pelos Estados Unidos. Ele tranquilizou as autoridades

do Banco Mundial, em Washington, que avaliaram como um caminho para normalizar as relações da comunidade financeira internacional com o Brasil a centralização das decisões econômicas nas mãos do Ministro Dilson Funaro. Desde a saída do Ministro do Planejamento, João Sayad, o Banco Mundial esperava sinais do governo brasileiro. Pazzianotto teve sucesso em seus contatos (Panorama Econômico, 28/3). Foi confirmado na terça-feira o nome de Aníbal Teixeira em substituição a Sayad (Panorama Econômico, 19/3). Mas a pasta teve suas funções reduzidas e as relações com o Banco Mundial ficam agora com a Fazenda.

O Ministro do Trabalho, porém, esteve fora do País numa semana particularmente marcada por greves, especialmente a dos bancários, que alterou o cotidiano da população urbana, que ficou sem dinheiro vivo para fazer suas compras. Comerciantes sentiram o impacto do movimento. As vendas do comércio varejista no Rio de Janeiro caíram 31% em janeiro. Os dados sobre fevereiro e março devem confirmar a tendência.

A sequência de greves de várias categorias é marcada pela busca de reposição salarial, em função das perdas com o retorno da inflação alta no início deste ano. Elas acontecem apesar do gatilho salarial, que o governo pretende extinguir. Continuaram também os aumentos de preços, como os das tarifas postais, farinha de trigo, cerveja, leite e telefones. Trata-se de uma tendência firme diante da volta da indexação na economia, com todos lutando para manter seus preços (Panorama Econômico, 23/3). Retorna com isso a corrida preços-salários, que o Plano Cruzado procurou impedir.